

## **A relação entre o politicamente correto e o populismo de direita radical em Portugal**

Projeto desenvolvido no âmbito da Bolsa de Iniciação à Investigação Científica no Iscte  
2023/2024

Duarte Perdigão  
Íris Brondani  
Orientação: Guya Accornero

## **Resumo**

O populismo e o politicamente correto têm vindo a ganhar preponderância nas sociedades ocidentais e conseqüentemente em Portugal. Podemos verificar esse fenómeno no aumento ao apoio à força política de direita radical nas eleições portuguesas de 2019, 2022 e de 2024. Desta forma, propomo-nos, num estudo exploratório, a averiguar como determinados fatores sociais, políticos e a concordância com atitudes populistas podem influenciar a discordância com o politicamente correto. Realizamos um inquérito online à população maior de idade, residente no concelho de Lisboa, tendo obtido 225 respostas válidas, posteriormente, recorreremos a uma regressão linear múltipla, para a análise dos dados. Foi possível observar que as pessoas que não se consideram feministas; que preferem ser representadas por um cidadão do que por um político; que defendem que os políticos falam demasiado e fazem pouco; que os políticos no Parlamento deveriam reger-se pela vontade das pessoas e que percecionam negativamente o efeito da imigração na economia social, são mais propensas a discordar do politicamente correto. Estes resultados podem dever-se aos tópicos do discurso da direita radical populista em Portugal, porém estudos futuros são necessários para poder compreender estes resultados.

**Palavras-chave:** Populismo; politicamente correto.

## Introdução

Nos últimos anos, as sociedades ocidentais depararam-se com um aumento significativo do número de partidos e candidatos populistas. Esta emergência de partidos e candidatos populistas nas sociedades ocidentais tem gerado diversos estudos acadêmicos na tentativa de encontrar respostas para as causas deste fenómeno.

Embora este tema seja bastante estudado, ainda há espaço na literatura para acrescentar outros ângulos de análise, como é o caso da sua relação com politicamente correto. A pertinência desta relação deve-se muito à atenção (ou falta dela) que estes partidos e candidatos ou candidatas populistas têm dado ao politicamente correto e ao movimento *woke*, por vezes identificando-o como um inimigo a combater na sociedade. O termo *woke* teve origem na cultura e na política afro-americanas, representando a consciência e o empenho na correção de injustiças e opressões raciais, sendo adotado por movimentos sociais progressistas, como os ativistas do movimento Black Lives Matter (Asen, 2024).

Contra este movimento surgiu outro denominado *anti-woke* que se identifica pela oposição a políticas destinadas a reduzir disparidades históricas. Embora evitem retóricas supremacistas explícitas, articulam valores como igualdade e justiça de maneira defensiva, de forma a preservar desigualdades e desqualificar iniciativas que desafiem privilégios estabelecidos (idem, 2024).

Assim pode-se dizer que as críticas ao politicamente correto não vêm só da direita populista, uma vez que existem mais setores da sociedade que criticam o politicamente correto. Ainda assim o politicamente correto é visto pelos populistas de direita como uma ferramenta de controle social, usada pelas elites liberais para silenciar vozes dissidentes e minar valores tradicionais (Moffit, 2016). Esse discurso anti politicamente correto alimenta uma narrativa de autenticidade e resistência contra a “tirania” das normas culturais impostas pelo “establishment” (Mudde, 2017).

Para este projeto, entendemos que o politicamente correto estabelece-se nas sociedades ocidentais como forma de defender minorias sociais, tendo em conta o seu passado e, muitas vezes, presente de ostracismo e exclusão social, impondo uma autocensura ao discurso de forma a que este se torne menos ofensivo (Andary-Brophy,

2015; Moss & O'Connor, 2020a; Moss & O'Connor, 2020b). Desta forma, o politicamente correto tem sido visto pelos seus defensores como uma ferramenta para promover a inclusão, enquanto que os seus opositores o consideram uma ameaça à liberdade de expressão.

O discurso populista de direita radical pode então contrariar o que advoga o politicamente correto, atacando sistematicamente minorias, fazendo-as de “bode expiatório” dos problemas de um país, não tendo também, qualquer cuidado com discurso e com seu potencial impacto no público referido (García-Jaramillo, 2021), é deste antagonismo que estes se podem potenciar mutuamente, sendo essa a hipótese que serve como ponto de partida para esta investigação.

De acordo com estudos realizados nos Estados Unidos da América no pós-eleições de 2016, as restrições culturais impostas pelo politicamente correto podem gerar reações contrárias às pretendidas, ajudando a fortalecer candidatos que desafiam ou descartam essas tais restrições (Conway, Repke & Houck 2017). O candidato opunha-se publicamente ao politicamente correto, referindo que não tinha tempo para comunicar de forma politicamente correta e que os seus opositores, Hillary Clinton e Barack Obama, preocupavam-se mais com o politicamente correto do que com o senso comum e a segurança dos cidadãos (Weigel, 2016). Trump referiu-se assim ao politicamente correto no primeiro debate com Hillary Clint, "I think the big problem this country has is being politically correct. I've been challenged by so many people, and I don't frankly have time for total political correctness." (BBC News, 2015).

Apesar de nos Estados Unidos, o politicamente correto e o populismo terem uma grande preponderância na dinâmica política e social, não existem muitos estudos que o comprovem também em Portugal, por isso pretendemos iniciar esse caminho na tentativa de perceber a relação entre o politicamente correto e a ascensão do populismo também em Portugal.

## **Populismo**

O populismo é um conceito abundantemente contestado no qual vários autores podem entender o mesmo como uma ideologia, estratégia, lógica política ou forma de

discurso. Shils (1956) mencionou o populismo como um fenómeno amplamente difundido, visível quando existe ressentimento popular contra a ordem vigente na sociedade, há muito estabelecida pela classe dominante e que detém o monopólio do poder, da propriedade, criação e cultura (em Moffit, 2016). A visão do populismo como ideologia assenta na definição de Cas Mudde (2004) que considera que a sociedade está, em última análise, separada em dois grupos homogéneos e antagónicos, “o povo puro” versus “a elite corrupta”, defendendo que a política devia ser uma expressão da vontade geral do povo. Em paralelo, esta é uma ideologia de centro fraco, não podendo ser comparada ao socialismo ou comunismo, pois não existem objetivos concretos aliados à mesma (Mudde, 2004). Sendo assim, o populismo está habitualmente ligado a outras ideologias.

Torna-se ainda relevante apresentar brevemente os conceitos populismo inclusivo e exclusivo (Mudde & Kaltwasser, 2013) diferenciados, essencialmente, através da população alvo do discurso e políticas populistas. Desta forma, o populismo inclusivo procura ampliar a participação e a inclusão de grupos historicamente marginalizados na sociedade e na política, focando em questões socioeconómicas. Este tipo de populismo é visível na América Latina, com líderes como Evo Morales e Hugo Chávez a promover políticas de redistribuição económica (idem, 2013). O populismo exclusivo tende a definir “o povo” de forma restrita, excluindo determinados grupos da sociedade com base em critérios étnicos, culturais ou religiosos. É frequentemente encontrado nos partidos de direita radical na Europa, nos quais a exclusão de imigrantes ou minorias étnicas é um ponto central do seu discurso e ideologia. Adicionalmente, a emergência destes partidos com essa ideologia é um fenómeno pós-materialista baseado primeiramente em identidade ao invés de interesses materiais (idem, 2013).

Como estratégia, o populismo entende-se como a tática através da qual um líder personalista procura ou exerce poder governativo baseado em apoio direto, sem intermediários e não institucionalizado, de um grupo de apoiantes não organizados (Weyland’s 2001 em Moffit, 2016). Desta forma, o populismo como estratégia define-se maioritariamente pela relação entre o/a líder e os seus apoiantes. Relativamente ao conceito como lógica política, Laclau (2005 em Moffit, 2016) refere o populismo como a lógica de “nós” contra “eles”, esta é uma característica ubíqua da vida política.

Finalmente, enquanto discurso, o populismo é visto como uma propriedade utilizada em momentos específicos de expressão política, pelo que alguém pode ser mais ou menos populistas tendo em conta o discurso que momentaneamente utilizar (Gidron and Bonikowski, 2013 em Moffit, 2016).

A abordagem de Moffit passa por enquadrar o conceito como um estilo político, isto é, “os repertórios de performance personificada, simbolicamente mediatizada, feita para audiências que são usadas para criar e navegar no político, desde o domínio do governo até à vida quotidiana” (tradução livre; Moffit, 2016).

Decidimos então focar em partidos de direita radical populista uma vez que estes, no contexto europeu, tendem a ser caracterizados principalmente por ideologias como nativismo, autoritarismo e chauvinismo de bem-estar (Mudde, 2007). Nativismo defende que o Estado deve ser habitado exclusivamente por membros do grupo “nativo”, considerando então pessoas não nativas como uma ameaça à homogeneidade nacional. Este liga-se ao chauvinismo de bem-estar, que promove a proteção de benefícios sociais somente para as pessoas nativas. Adicionalmente, autoritarismo refere-se à valorização da submissão à lei e de normas e punições rígidas como forma de controlo social (idem, 2007).

Adequando ao contexto português, são possíveis encontrar algumas destas características no partido CHEGA. O mesmo utiliza um discurso populista, contrapondo "o povo puro" às "elites corruptas", utilizando esta narrativa para se posicionar como o defensor legítimo da vontade popular (Marchi, 2023; Heyne & Manucci, 2021). Adicionalmente, o partido adota a ideologia do nativismo excludente, defendendo assim a proteção da identidade nacional contra várias ameaças (imigração, políticas progressistas). Paralelamente, o CHEGA defende ainda a restrição de benefícios sociais a cidadãos nativos e excluindo grupos mencionados como “não merecedores” (Marchi, 2023), utilizando assim uma retórica fortemente crítica ao multiculturalismo e a políticas que abordem desigualdades estruturais (Idem, 2023). Por último, prioriza a ordem e medidas punitivas como solução para problemas sociais (Marchi, 2023; Heyne & Manucci, 2021).

## **Politicamente correto**

O conceito de politicamente correto refere-se a uma prática social e discursiva que procura evitar expressões ou atitudes que possam ofender ou marginalizar indivíduos ou grupos com base em características como raça, género, orientação sexual, religião, condição socioeconómica, entre outras (Hughes, 2009). O conceito surgiu nos Estados Unidos da América como um movimento de sensibilidade social no final do século XX, com o objetivo de promover a inclusão, o respeito à diversidade e combater preconceitos enraizados na linguagem e no comportamento da sociedade norte-americana, fundamentalmente, contra as comunidades afroamericanas (Wilson, 1991).

Embora muitas vezes o politicamente correto seja visto por muitos como uma ferramenta importante para construir uma sociedade mais igualitária, ele também é frequentemente contestado. Os seus críticos argumentam que, em certos contextos, pode limitar a liberdade de expressão, impor censura social ou criar um ambiente de hipersensibilidade social (Paglia, 2017). Tende a ser esta a opinião da direita populista, acusando o politicamente correto de ser uma “cortina de fumo” que as elites corruptas instauram na sociedade, camuflando os problemas do país (Mudde, 2017).

O politicamente correto que nasceu nos Estados Unidos da América disseminou-se por todo o mundo ocidental, sobretudo com o auxílio das redes sociais, a divulgação de movimentos pró politicamente correto como o “Black Lives Matter”, que tiveram um grande impacto na Europa, originando movimentos e manifestações idênticas às norte-americanas (Hughes, 2009).

Portugal não foi exceção, este ideário também alcançou Portugal e isso foi notório na vida política, com partidos como o Bloco de Esquerda a associarem-se visivelmente à causa, e em contraste, com Partido Chega a realçar posições veemente contra o politicamente correto. Houve igualmente perfusão na vida social, com o surgimento de iniciativas como a de reescrever livros com linguagens consideradas ofensivas, ou com a emergência de movimentos feministas pró politicamente correto como o “Me Too” ou ainda a reverberação, em Portugal, das vozes a favor da destruição de estátuas ligadas ao colonialismo, como foi exemplo a vandalização da estátua do Padre António Vieira (Alves, 2022). Desta forma, o fator do passado histórico e político

de Portugal torna o país particularmente fértil à proliferação do politicamente correto (idem, 2022).

### **O discurso populista de direita radical e o politicamente correto**

Num estudo experimental de Conway, Houck e Repke (2017) foi possível observar que os participantes que foram estimulados a pensar sobre normas de comunicação restritivas mostraram mais apoio a Trump do que os participantes que não estavam a pensar nisso. Além disso, os participantes reativos contra as normas de comunicação eram especialmente propensos a expressar apoio a Trump. Pelo que é possível sugerir uma ligação entre a saliência de normas de comunicação restritivas e o apoio a Donald Trump.

A posição de Trump em relação a questões como a imigração, os muçulmanos, o *establishment* republicano e os principais meios de comunicação social ressoou com as posições da *alt-right*, proporcionando assim uma oportunidade para divulgar os seus pontos de vista a um público muito mais vasto (Taylor, 2020). Desta forma, o movimento *alt-right*, frequentemente associa-se à identidade branca e à rejeição de valores progressistas socialmente (idem, 2020; Moss, & O'Connor, 2020a). Como este movimento não apresenta uma ideologia unificada acaba por basear-se numa postura transgressiva e numa política de negação, que se opõe tanto ao politicamente correto como àquilo que percebem como a hegemonia do liberalismo cultural (Yoder et al, 2024). A crítica ao politicamente correto por parte da *alt-right* é habitualmente apresentada como resistência à censura ou à imposição de valores morais.

A abordagem de Moffit (2016) revela que as tentativas de partidos, candidatas ou candidatos para colocar as pessoas contra a elite política, podem incluir a utilização de “maus modos”, ou seja, aparente desrespeito dos líderes populistas pelas formas “apropriadas” de atuar no domínio político e ao desprezo deliberado de tais expectativas e práticas. Sendo assim, estes posicionam-se contra o “politicamente correto” e tendem a mencionar o “inominável”, com o propósito de se aproximar das pessoas demonstrando que este “sabe realmente” o que as pessoas estão a pensar, e também para se distanciar da elite política (Moffit, 2016).

García-Jaramillo (2021) mostra, por seu lado, que é possível observar um discurso com algumas características anteriormente mencionadas:

“De facto, Ventura [...] utilizou as acusações de racismo para obter apoio popular, desenvolvendo definições alternativas de “racismo” (i.e., “não é racismo se for verdade”) e alegando vitimização por não lhe ser permitido afirmar aquilo a que chama a realidade “óbvia”. Além disso, a sua apresentação como o único político honesto e decente contribui para legitimar o seu racismo subtil expresso nos seus discursos.” (p.35)

O partido CHEGA afirma que a razão para a sua criação se deve à necessidade de uma força política em Portugal capaz de romper com os poderes instalados e resolver os problemas de "segurança, justiça e imigração" (García-Jaramillo, 2021). Desta maneira, a vertente nacionalista do populismo (Eatwell & Goodwin, 2020) manifesta-se nas políticas e nos discursos deste partido, habitualmente representado nos meios de comunicação somente pelo seu líder, André Ventura. Este apresenta-se como o guardião de uma verdadeira moral, um líder que luta contra aqueles que defendem os direitos das minorias ([Manifesto Político Fundador - CHEGA](#); García-Jaramillo, 2021), opondo-se assim ao objetivo do politicamente correto.

São encontradas ainda várias referências ao politicamente correto nos *posts online* de André Ventura nas redes sociais e adicionalmente no Facebook do partido:

“Não vou negá-lo ou escondê-lo para ser politicamente correto. Apenas para antecipar reacções, vou sublinhar: não sou nem nunca fui racista ou xenófobo. Nunca pertenci ou espero pertencer a um grupo que tal defenda ou advogue.” ([Facebook, 18/07/2016](#)).

“Deixar claro aquilo que quis dizer é um imperativo. Sei que o politicamente correto domina a mentalidade prevalecente e a grande comunicação pública. Nunca me deixei nem deixarei ficar refém disso. [...] É tempo de acabar com esta choradeira permanente do racismo e condenar os atos bárbaros e animalescos que tiverem de ser condenados. Sem medos. Sem politicamente correto só porque fica bem. Assim seremos um país melhor. E já é hora que isso aconteça!” ([Facebook, 16/02/2020](#)).

“André Ventura, veio para afrontar o sistema, o politicamente correto e para abanar as fundações do sistema instalado. Nunca Portugal precisou tanto de um "vírus" assim!” ([CHEGA, Facebook, 07/03/2020](#)).

“Não sou racista nem xenófobo. Respeito as decisões dos tribunais do meu país, mas não vou mudar a minha forma de fazer política nem me vou tornar politicamente correto! Estou aqui para resistir!” ([X, 06/12/2021](#)).

“Ao contrário de outros, não irei ceder ao politicamente correto e ao histerismo coletivo sempre que algo acontece com imigrantes.” ([Instagram, 10/05/2024](#));

Desta forma é possível verificar a utilização do politicamente correto num discurso populista em Portugal, como acontece no estudo de Galais e Pérez-Rajó. Os autores destacam que a ascensão desses partidos tem sido marcada por uma retórica contrária ao politicamente correto, promovendo a ideia de "liberdade de expressão" como uma reação à suposta censura imposta por normas politicamente corretas. O Vox é apresentado como um caso singular, já que sua emergência na política espanhola permite analisar mudanças de atitudes dos eleitores em curto prazo.

Os autores concluem que a retórica contra o politicamente correto do Vox influencia as atitudes dos eleitores, tornando-os menos favoráveis ao uso de linguagem inclusiva e com sensibilidade cultural. Os autores também concluem que esta mudança pode refletir tanto uma alteração real de atitudes, como a redução na repressão social de opiniões politicamente incorretas, legitimando discursos que podem ameaçar minorias e enfraquecer a coesão social. O estudo sugere que a politização do politicamente correto pelos partidos populistas de direita radical têm o potencial de reconfigurar debates culturais, polarizar a sociedade e de normalizar discursos anteriormente vistos como inaceitáveis.

### **Como é que o politicamente correto influencia a ascensão do populismo de direita radical?**

No estudo de Conway, et al (2017) os participantes levados a pensar sobre normas de comunicação restritivas atualmente existentes demonstraram maior nível de conservadorismo do que a amostra de controlo, demonstrando que a condição principal de comunicação restritiva funcionou mais eficazmente nos conservadores políticos do que nos liberais. Ainda no estudo de Galais e Pérez-Rajó, é possível observar que o posicionamento político tem uma relação com o apoio ao PC, isto é, neste caso, quanto

mais à esquerda um indivíduo se posiciona, mais concordará com as normas do PC. Portanto propomo-nos a averiguar qual o efeito do posicionamento político e da ideologia (mais conservadora ou liberal) na concordância com o PC.

**H1:** Indivíduos ideologicamente de direita e com atitudes socialmente mais conservadoras apresentam uma maior discordância com politicamente correto do que os indivíduos ideologicamente de esquerda e com atitudes socialmente mais liberais.

Nestes dois estudos referidos anteriormente (Conway et al, 2017; Galais e Pérez-Rajó, 2024), os indivíduos que apoiam um candidato ou partido populista (que se posiciona visivelmente contra quaisquer normas de discurso) são mais prováveis a apresentarem opiniões contra o PC. No primeiro, os participantes levados a refletir sobre o PC são mais prováveis a apoiar Trump. No caso espanhol foram encontrados resultados consistentes que sugerem que sentir mais simpatia pelo Vox - e ter votado neste - torna os indivíduos mais propensos a pensar que o PC foi longe demais e que as pessoas se ofendem com demasiada facilidade. Havendo já referências em discursos populistas contra o politicamente correto no contexto português consideramos importante verificar se a relação anteriormente mencionada é significativa na nossa amostra.

Tendo em conta a bibliografia consultada, consideramos pertinente explorar a relação entre estas variáveis e ainda adicionar a vertente das atitudes populistas, uma vez que um indivíduo pode apresentar atitudes populistas, mesmo não apoiando um partido considerado populista.

**H2:** Indivíduos que apresentam atitudes populistas ou apoiam um partido populista tendem a ser contra o politicamente correto.

### **Apresentação e justificação do método (desenho de pesquisa)**

A metodologia empreendida para este projeto de investigação é do tipo extensiva, com desenho de pesquisa transversal. A técnica de investigação selecionada para realizar esta pesquisa foi o inquérito online, colocando anúncios em diversos locais, grupos de Facebook e fóruns para tentar diversificar a amostra. Sendo que esta é uma amostra de conveniência, pelo que não será representativa não se podendo então

realizar previsões para a população em geral. Importante mencionar que o uso desta técnica privilegia a participação de pessoas que podem aceder a plataformas digitais e têm competências nas mesmas, o que representa uma limitação à amostra, podendo excluir pessoas mais idosas e/ou pessoas com menos recursos particularmente à internet (Bryman, 2017).

O inquérito foi construído utilizando como referência o estudo “Populist radical right-wing parties and the assault on political correctness: The impact of Vox in Spain.” (Galais e Pérez-Rajó, 2024) principalmente para as questões relacionadas ao PC, ideologia e situação económica. As questões relacionadas com o populismo e atitudes populistas basearam-se no artigo “How Populist Are the People? Measuring Populist Attitudes in Voters.” (Akkerman, Mudde & Zaslove, 2014). Finalmente, partimos da estrutura do questionário 10 do European Social Survey (2020) para a conceção de perguntas de foro pessoal.

O objetivo deste estudo é de observar e analisar como visões a cerca do politicamente correto e atitudes populistas ou apoio a partidos/candidatas(os) populistas se influenciam mutuamente. Posto isto, a nossa população alvo é a população residente no concelho de Lisboa. No entanto a amostra conseguida é constituída por 225 respostas, sendo que considerando no concelho de Lisboa residem 545.143 pessoas (Censos, 2021, INE), a margem de erro com 95% de confiança é igual a 6.53%.

De acordo com os Censos de 2021, a população residente que se identifica com o género feminino corresponde a 53.3% e masculino 46.7%. Quanto à nossa amostra, os indivíduos que se identificam com o género feminino correspondem a 49.1%, masculino 49.6% e não-binário ou outro 0.8% (apenas duas pessoas). Assim verifica-se uma discrepância em relação aos valores dos censos. Relativamente à idade, podemos observar que a amostra obtida é jovem (51.3% pessoas entre 18 a 24 anos; 39.4% dos 25 aos 64 anos; 4.4% pessoas com idade igual ou superior a 65 anos) comparativamente à estrutura etária da população nos Censos (2021) (13.6% pessoas entre 15 e 24 anos; 69% dos 25 aos 64 anos; 30.4% pessoas com idade igual ou superior a 65 anos), o que se pode dever à técnica de investigação, visto que as pessoas jovens têm maior disponibilidade, em termos de competências e tempo. A amostra deste projeto é altamente qualificada, uma vez que 62.9% possuem ensino superior (2.2% ensino básico;

39.4% ensino secundário) sendo que na população apenas 19.8% possuem ensino superior (5.9% nenhum; 49.7% ensino básico; 24.7% ensino secundário). Esta diferença pode-se explicar pela maior divulgação do inquérito na comunidade académica.

Tendo em conta a distribuição da amostra nos parâmetros anteriormente mencionados, as limitações da técnica de investigação e o valor da margem de erro ser superior ao indicado (3.5%) consideramos este estudo como um **estudo exploratório**. Desta forma, os resultados deste estudo poderão ser úteis para a realização de estudos futuros. Adicionalmente, em pesquisas futuras, poderia ser interessante empreender uma metodologia intensiva pelo seu carácter indutivista e interpretativo dos fenómenos sociais (Bryman, 2017), uma vez que através de um inquérito online não é possível entender a visão da amostra quanto aos conceitos subjetivos apresentados, nomeadamente as perceções sobre o populismo e o politicamente correto.

A variável dependente deste estudo (concordância com o politicamente correto) é uma variável compósita, construída a partir das médias das variáveis: “O politicamente correto é necessário na sociedade”; “O politicamente correto é capaz de promover uma maior inclusão social” e “O politicamente correto restringe a liberdade de expressão”, apesar das variáveis originais não apresentarem uma distribuição normal, prosseguimos à criação da mesma visto que o valor de consistência interna é elevado ( $\alpha = 0.844$ ) pelo que os resultados devem ser lidos com alguma cautela.

## **Apresentação e discussão de resultados**

Com base na amostra obtida, apresentada anteriormente, construímos um modelo de regressão linear múltipla (Tabelas 1 e 2) para estudar como os fatores selecionados explicam a discordância com o politicamente correto da amostra. A utilização deste tipo de análise justifica-se para o presente estudo uma vez “que a relação entre as variáveis pode ser descrita apropriadamente por uma relação linear” (Maroco, 2018, p.674).

**Tabela 1. Fatores ideológicos e sociais explicativos da discordância com o politicamente correto.**

	Beta	R <sup>2</sup> part (%)
Posição em relação ao aborto (0=Deve ser permitido durante as primeiras semanas de gravidez; 10=Não deve ser permitido em caso algum)	0,094	0
Feminista (0=Nada; 10=Totalmente)	-0,318***	23,4%
Perceção do impacto da imigração na economia nacional (0=Mau; 10=Bom)	-0,200**	15,8%
Posição relativamente a touradas (0= Devem ser proibidas/banidas; 10= Devem ser permitidas)	-0,069	0
Auto-posicionamento político (0=Esquerda; 10=Direita)	0,077	0
	R <sup>2</sup> ajustado	0,390***
	F(7)	18,530

\*p < 0.05, \*\*p < 0.01, \*\*\* p < 0.001.

**Tabela 2. Fatores referentes a atitudes populistas explicativos da discordância com o politicamente correto.**

Em que medida concorda com a seguinte afirmação?	Beta	R <sup>2</sup> part (%)
“Em última análise, a política é uma luta entre o bem e o mal”.	0,048	0
Os políticos no Parlamento português precisam de se guiar pela vontade das pessoas.	-0,140*	13,2%
As pessoas, não os políticos, deveriam tomar as decisões políticas mais importantes.	-0,144	0
Eu preferiria ser representada/o por um cidadão do que por um político especializado.	-0,268***	20,6%
Políticos eleitos falam muito e agem pouco.	-0,222**	19,9%
Grupos de interesse ou lobbies tem muita influência nas decisões políticas.	0,032	0
	R <sup>2</sup> ajustado	0,264***
	F(6)	12,124

\*p < 0.05, \*\*p < 0.01, \*\*\* p < 0.001;

Todas as variáveis foram medidas através de uma escala de 1 a 5, 1 corresponde a “Concordo totalmente”; 2 a “Concordo”; 3 a “Não concordo nem discordo”; 4 a “Discordo” e 5 a “Discordo totalmente”.

Iniciando pelos fatores ideológicos e sociais, é possível afirmar que pessoas que menos se consideram feministas tendem em ser mais contra o politicamente correto (Beta = -0,318). Similarmente, as pessoas que consideram a imigração negativa para a economia portuguesa também tendem a se apresentar mais contra o politicamente correto (Beta = -0,20). Dos fatores indicados na tabela, apenas estes são significativos para explicar a discordância com o PC, sendo a identificação (ou não) como feminista o mais explicativo.

Analisando os fatores correlacionados com as atitudes consideradas populistas, é possível observar que os indivíduos que consideram que os políticos se devam guiar pela vontade das pessoas, expressam vontade de serem representados por um cidadão em vez de por um político especializado e a ideia de que os políticos falam muito e fazem pouco são fatores explicativos da discordância com o politicamente correto. Sendo assim os indivíduos que menos concordam com a afirmação de que o Parlamento português se deveria guiar pela vontade dos cidadãos (Beta = -0,140), menos prefeririam ser representados por um cidadão (Beta = -0,268) e menos consideram que os políticos falam muito e agem pouco (Beta = -0,222) são mais propensos a concordar com o Politicamente Correto. Destes preditores, aquele que mais explica a discordância com o PC é preferir ser representada/o por um cidadão ou uma cidadã (20,6%).

Na tabela 3 poderão ser consultadas as frequências referentes à pergunta “A reação contra o politicamente correto potencia a ascensão do populismo. Concorda com esta afirmação?”. É possível constatar que 42,4% dos inquiridos concordam e 25,3% concordam totalmente. Podemos também mencionar que 18,7% discordam com a afirmação, 17,1% discordam e 1% discordam totalmente. Por último, 12,6% das respostas não concordam nem discordam com a afirmação em causa.

**Tabela 3. A reação contra o politicamente correto potencia a ascensão do populismo. Concorda com esta afirmação?**

	<b>N</b>	<b>%</b>
Concordo totalmente	50	25,3
Concordo	86	43,4
Nem concordo nem discordo	25	12,6
Discordo	35	17,7
Discordo totalmente	2	1
Total	198	100

### **Conclusão**

Nos últimos anos, o politicamente correto tornou-se um tema em destaque para a política e para a sociedade ocidental. A relevância do tema deveu-se muito aos partidos de direita radical populista, que se posicionam abertamente contra o politicamente correto. No entanto, existem um número reduzido de trabalhos académicos que tratam da relação entre o politicamente correto e o populismo de direita radical, no contexto português a investigação é ainda escassa, porventura devido à chegada, relativamente recente, destes dois fenómenos a Portugal.

Com base nos resultados obtidos, é possível constatar que ao nível ideológico e social, as variáveis que mais se relacionam com politicamente correto são o feminismo e a imigração, isto é, quando um indivíduo discorda de modo geral do feminismo ou defende que a imigração é prejudicial para a economia nacional, tenderá a posicionar-se contra o politicamente correto. Este resultado pode ser justificado, pela relevância destes dois temas na sociedade atual e no ideário destes dois fenómenos, o politicamente correto e o populismo apresentam opiniões polarizadoras acerca dos dois temas.

Curiosamente, um dos estudos que nos serve como referência (Conway, Repke & Houck 2017), o aborto aparece com um fator significativo na relação com o politicamente correto, o que não acontece no neste caso. Isto pode ser explicado pela diferença de relevância e atualidade que o tema do aborto tem nos Estados Unidos da América e em Portugal, sendo que no primeiro a discussão sobre o aborto é atual tendo em conta os retrocessos quanto ao mesmo em vários estados do país. Em Portugal, a

interrupção voluntária da gravidez foi despenalizada em 2007 e desde então não houve grande debate sobre a mesma.

Finalmente relativamente às atitudes populistas, é possível observar que quanto mais os indivíduos discordam com estas (discordam que os políticos no Parlamento português deveriam se guiar pela vontade das pessoas; menos preferiam ser representadas por um/uma cidadão/cidadã e discordam que os políticos falam muito e agem pouco) mais concordam com o politicamente correto. Ou seja, os indivíduos que apresentam menos atitudes populistas são mais prováveis a concordarem com o politicamente correto. Isto pode dever-se aos argumentos utilizados pelos partidos populistas de direita radical, que vão contra os direitos das minorias; porém é necessária futura pesquisa sobre esta relação para poder indicar de facto uma relação.

Um estudo no Reino Unido (Duffy et al, 2023) demonstra que o termo *woke* é cada vez mais percebido como um insulto (42% da amostra considera-o em 2023, 24% em 2020) e ainda que a secção da amostra mais propensa a identificar-se como *anti-woke* são os homens com idade superior a 55 anos e eleitores conservadores. Este estudo corrobora a importância de explorar os significados que cada indivíduo atribui aos conceitos apresentados, tendo em conta o contexto político e temporal em que a pesquisa se insere e o contexto pessoal dos indivíduos. Consequentemente, seria interessante explorar quais os segmentos da população a favor do politicamente correto, no contexto português.

Uma vez que sensivelmente 70% da amostra concorda que a reação contra o politicamente correto pode potenciar a ascensão do populismo, seria interessante explorar as razões dessa associação. Desta forma, apesar das limitações deste estudo exploratório, o mesmo poderá ser útil na conceção de novas pesquisas sobre o tema.

## Notas

i) Através da regressão linear realizada para identificar os fatores explicativos da discordância com o politicamente correto, o fator auto-posicionamento político não é significativo, mas por haver uma relação entre posicionamento político e a discordância com o politicamente correto na maioria de outros estudos, realizamos à posteriori uma correlação de *pearson* que nos indica

que existe uma correlação moderada ( $r=0,511$ ,  $p<0,05$ ) entre um indivíduo posicionar-se ideologicamente à direita e ser contra o politicamente correto.

ii) Com a ajuda de uma correlação de *pearson* foi possível verificar a relação de outros fatores com a discordância ou concordância com o politicamente correto, o fator “Ultimamente, fala-se muito sobre o politicamente correto. Há pessoas que acreditam que deveríamos mudar a forma como nos expressamos para evitar ferir susceptibilidades. Em que medida concorda com esta afirmação?” (1 a 5), sendo o 1 igual a concordo totalmente e o 5 igual discordo totalmente, apresenta uma correlação moderada positiva ( $r=0,625$ ,  $p<0,05$ ) com o politicamente correto, isto é, pessoas que concordam com a afirmação tendem a concordar com o politicamente correto. Referindo agora o fator “Atualmente existe um excesso de sensibilidade na sociedade, as pessoas ficam ofendidas com muita facilidade. Em que medida concorda com esta afirmação?” (1 a 5), igual à anterior, apresenta uma correlação moderada negativa ( $r=-0,555$ ,  $p<0,05$ ) com o politicamente correto, isto é, pessoas que concordam com a afirmação tendem a discordar com o politicamente correto.

## Referências

Akkerman, A., Mudde, C., & Zaslove, A. (2014). How Populist Are the People? Measuring Populist Attitudes in Voters. *Comparative Political Studies*, 47(9), 1324-1353. <https://doi.org/10.1177/0010414013512600>

Alves, N. D. A. (2022). Do Politicamente Correto à Cultura de Cancelamento (2000-2022): um desafio às democracias liberais [Dissertação de mestrado, UM – Universidade do Minho]. RepositoriUM. <https://hdl.handle.net/1822/82880>

Andary-Brophy, C. A. (2015). Political correctness: Social-fiscal liberalism and left-wing authoritarianism. [Master thesis]. University of Toronto (Canada). <https://hdl.handle.net/1807/75755>

Asen, R. (2024). Anti-Woke Publics. *Political Communication*, Volume 41(6), 1029–1034. <https://doi.org/10.1080/10584609.2024.2425782>

BBC News. (Agosto, 2015). Donald Trump: Top quotes in US Republican TV debate. <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-33818899>

Bryman, A. (2017). *Social Research Methods*. Oxford University Press.

Conway, L. G., Repke, M. & Houck, S. C. (2017). Donald Trump as a Cultural Revolt Against Perceived Communication Restriction: Priming Political Correctness Norms Causes More Trump Support. *Journal of Social and Political Psychology*. Volume 5 (1) pp. 244-259. DOI: 10.5964/jspp.v5i1.732

Duffy, B., Gottfried, G., May, G., Hewlett, K., & Skinner, G. (2023). Woke vs anti-woke? Culture war divisions and politics. <https://doi.org/10.18742/pub01-163>

Eatwell, R. & Goodwin, M. (2020). *Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal*. Editora Record.

European Social Survey (2020). *ESS Round 10 Source Questionnaire*. London: ESS ERIC Headquarters c/o City, University of London.

Galais, C., & Pérez-Rajó, J. (2023). Populist radical right-wing parties and the assault on political correctness: The impact of Vox in Spain. *International Political Science Review*,44(4), 492–506. <https://doi.org/10.1177/01925121231190555>

García-Jaramillo, D. (2021). *Constructing the "good Portuguese" and their enemy-others: the discourse of the far-right Chega party on social media [Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]*. Repositório do Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/23317>

Heyne, L., & Manucci, L. (2021). A new Iberian exceptionalism? Comparing the populist radical right electorate in Portugal and Spain. *Political Research Exchange*, 3(1). <https://doi.org/10.1080/2474736X.2021.1989985>

Hume, M. (2016). *Direito a ofender: a liberdade de expressão e o politicamente correto*. Tinta da China.

Marchi, R. (2023). The New Populist Radical Right in Portugal: The Chega Party 1. In *The Routledge Handbook of Far-Right Extremism in Europe* (pp. 117-128). Routledge.

Maroco, J. (2018). *Análise Estatística com o SPSS (7ª ed.)*. Report Number.

Moss, J. T., & O'Connor, P. J. (2020a). Political correctness and the alt-right: The development of extreme political attitudes. *PloS one*, 15(10), e0239259. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0239259>

Moss, J. T., & O'Connor, P. J. (2020b). The Dark Triad traits predict authoritarian political correctness and alt-right attitudes. *Heliyon*, 6(7). <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2020.e04453>

Mudde, C. (2004). The populist zeitgeist. *Government and opposition*. Volume 39(4), 541-563. <https://www.jstor.org/stable/44483088>

Mudde, C. (2007). *Populist radical right parties in Europe*. Cambridge University Press.

Mudde, C., & Rovira Kaltwasser, C. (2013). Exclusionary vs. Inclusionary Populism: Comparing Contemporary Europe and Latin America. *Government and Opposition*. Volume 48(2), 147–174. Doi:10.1017/gov.2012.11

Mudde, C., & Rovira Kaltwasser, C. (2017). *Populism: A very short introduction*. Oxford University Press.

Paglia, C. (2017). *Free women, Free men*. Canongate Books.

Taylor, B. (2020). Alt-right. *Em Encyclopedia of critical whiteness studies in education* (pp. 15-22). Brill.

Weigel, M. (Novembro, 2016). Political correctness: how the right invented a phantom enemy. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/us-news/2016/nov/30/political-correctness-how-the-right-invented-phantom-enemy-donald-trump>

Wilson, J. Q. (1991). The Politics of Political Correctness. *The Public Interest*.

Yoder, M. M., Brown, D. W. & Carley, K. M. (2024). The “chanification” of white supremacist extremism. *Comput Math Organ Theory*. <https://doi.org/10.1007/s10588-024-09390-1>